

Exercícios de Literatura Trovadorismo

1) (Vunesp-2004) A próxima questão toma por base uma cantiga do trovador galego Airas Nunes, de Santiago (século XIII), e o poema Confessor Medieval, de Cecília Meireles (1901-1964).

Cantiga

*Bailemos nós já todas três, ai amigas,
So aquestas avelaneiras frolidas,*
(frolidas = floridas)

E quem for velida, como nós, velidas,
(velida = formosa)

Se amigo amar,

So aquestas avelaneiras frolidas
(aquestas = estas)

Verrá bailar.
(verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
(irmanas = irmãs)

So aqueste ramo destas avelanas,
(aqueste = este)

E quem for louçana, como nós, louçanas,
(louçana = formosa)

Se amigo amar,

So aqueste ramo destas avelanas
(avelanas = avelaneiras)

Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos,
(mentr'al = enquanto outras coisas)

*So aqueste ramo frolido bailemos,
E quem bem parecer, como nós parecemos*
(bem parecer = tiver belo aspecto)

Se amigo amar,

So aqueste ramo so lo que bailemos
Verrá bailar.

(Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.)

Confessor Medieval
(1960)

*Irias à bailia com teu amigo,
Se ele não te dera saia de sirgo?*
(sirgo = seda)

*Se te dera apenas um anel de vidro
Irias com ele por sombra e perigo?*

*Irias à bailia sem teu amigo,
Se ele não pudesse ir bailar contigo?*

*Irias com ele se te houvessem dito
Que o amigo que amavas é teu inimigo?*

*Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,
Irias sem ele, e sem anel de vidro?*

*Irias à bailia, já sem teu amigo,
E sem nenhum suspiro?*

(Cecília Meireles. Poesias completas de Cecília Meireles - v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.)

As cantigas que focalizam temas amorosos apresentam-se em dois gêneros na poesia trovadoresca: as “cantigas de amor”, em que o eu-poemático representa a figura do namorado (o “amigo”), e as “cantigas de amigo”, em que o eu-poemático representa a figura da mulher amada (a “amiga”) falando de seu amor ao “amigo”, por vezes dirigindo-se a ele ou dialogando com ele, com outras “amigas” ou, mesmo, com um confidente (a mãe, a irmã, etc.). De posse desta informação, a) classifique a cantiga de Airas Nunes em um dos dois gêneros, apresentando a justificativa dessa resposta. b) identifique, levando em consideração o próprio título, a figura que o eu-poemático do poema de Cecília Meireles representa.

2) (Mack-2005) Assinale a afirmativa correta com relação ao Trovadorismo.

Texto I

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Martim Codax

Obs.: verrá = virá
levado = agitado

Texto II

- Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
- menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
- canção paralelística (...).
- O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneros.
- Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
- com a cabeça cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;
- sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.

8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

- a) Um dos temas mais explorados por esse estilo de época é a exaltação do amor sensual entre nobres e mulheres camponesas.
- b) Desenvolveu-se especialmente no século XV e refletiu a transição da cultura teocêntrica para a cultura antropocêntrica.
- c) Devido ao grande prestígio que teve durante toda a Idade Média, foi recuperado pelos poetas da Renascença, época em que alcançou níveis estéticos insuperáveis.
- d) Valorizou recursos formais que tiveram não apenas a função de produzir efeito musical, como também a função de facilitar a memorização, já que as composições eram transmitidas oralmente.
- e) Tanto no plano temático como no plano expressivo, esse estilo de época absorveu a influência dos padrões estéticos greco-romanos.

3) (Mack-2005) Assinale a afirmativa correta sobre o texto I.

Texto I

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Martim Codax

Obs.: verrá = *virá*
levado = *agitado*

- a) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta a Deus seu sofrimento amoroso.
- b) Nessa cantiga de amor, o eu lírico feminino dirige-se a Deus para lamentar a morte do ser amado.
- c) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta às ondas do mar sua angústia pela perda do amigo em trágico naufrágio.
- d) Nessa cantiga de amor, o eu lírico masculino dirige-se às ondas do mar para expressar sua solidão.
- e) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico feminino dirige-se às ondas do mar para expressar sua ansiedade com relação à volta do amado.

4) (Mack-2005) Assinale a alternativa correta sobre o texto I.

Texto I

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!

E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Martim Codax

Obs.: verrá = *virá*
levado = *agitado*

- a) A estrutura paralelística é, neste poema, particularmente expressiva, pois reflete, no plano formal, o movimento de vai-e-vem das ondas.
- b) Nesse texto, os versos livres e brancos são indispensáveis para assegurar o efeito musical da canção.
- c) As repetições que marcam o desenvolvimento do texto opõem-se ao tom emotivo do poema.
- d) No refrão, a voz das ondas do mar faz-se presente como contraponto irônico ao desejo do eu lírico.
- e) É um típico vilancete de tradição popular, com versos em redondilha maior e estrofação irregular.

5) (FMTM-2002) Endechas à escrava Bárbara

Aquela **cativa**,
que me tem **cativo**
porque nela vivo,
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais formosa.

Uma graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas bárbara não.

Vocabulário:

Endechas: Versos em redondilha menor (cinco sílabas).

Molhos: feixes.

Leda: risonha.

Vão: fútil.

Em sua obra, Camões continua a tradição da conduta amorosa das cantigas medievais. Nela, a mulher amada era considerada

- a) responsável pelas contradições e insatisfações do homem.
- b) símbolo do amor erótico.
- c) incapaz de levar o homem a atingir o Bem.
- d) um ser impuro e prejudicial ao homem.
- e) uma pessoa superior, fonte de virtudes.

6) (UNIFESP-2005) Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

O título do poema de Oswald remete o leitor à Idade Média. Nele, assim como nas cantigas de amor, a idéia de poder retoma o conceito de

- a) fé religiosa.
- b) relação de vassalagem.
- c) idealização do amor.
- d) saudade de um ente distante.
- e) igualdade entre as pessoas.

7) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança

Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....
Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

.....
À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.

.....
Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também

O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domicio. Português. Rio de Janeiro: Luceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção em que o eu lírico, ao se dirigir à amada, emprega linguagem semelhante à do texto III.

- a) "Goza, goza da flor da mocidade / que o tempo trata a toda ligeireza" (Gregório de Matos).
- b) "A gente sempre se amando / nem vê o tempo passar" (Carlos Drummond de Andrade).
- c) "Eu sou escritor difícil / Que a muita gente enquizila" (Mário de Andrade).
- d) "Vem, ó Marília, vem lograr comigo / Destes alegres campos a beleza" (Tomás A. Gonzaga).
- e) "O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos." (Antônio Vieira).

8) (Unifesp-2002) Texto I:

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.

(Luís de Camões, *Ao longo do sereno.*)

Texto II:

Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqeste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqeste ramo destas auelanas
uerrá baylar.

(Aires Nunes. In Nunes, J. J., *Crestomatia arcaica.*)

Texto III:

Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

(Fernando Pessoa, *Obra poética.*)

Texto IV:

Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.
(Luís de Camões, *Obra completa.*)

Texto V:

As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)
(Mário de Sá Carneiro, *Poesias.*)

A alternativa que indica texto que faz parte da poesia medieval da fase trovadoresca é

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) IV.
- e) V.

9) (PUC-SP-2006) A farsa revela surpreendente domínio da arte teatral. Segundo seus estudiosos, Gil Vicente utiliza-se de processos dramáticos que se tornarão típicos em suas criações cômicas. com as características de seu teatro,

- a) o rigoroso respeito à categoria tempo, delineado na justa sucessão do transcorrer cronológico das ações.
- b) a não preparação de cenas e entrada de personagens, o que provoca a precipitação de certos quadros e situações.
- c) o realismo na caracterização social, psicológica e lingüística de seus personagens.

- d) o perfeito domínio do diálogo e grande poder de exploração do cômico.
- e) o pouco aparato cênico, limitado ao necessário para sugerir o ambiente em que decorre a peça.

10) (Unicamp-2003) a) No início da Farsa de Inês Pereira, Lianor Vaz relata à mãe de Inês um hilariante acontecimento que teria protagonizado. Tal acontecimento serve de testemunho à crítica moral que Gil Vicente pretendeu fazer a uma instituição ainda de grande influência no século XVI, época em que foi escrita a famosa peça. Qual é o episódio que Lianor Vaz teria protagonizado? Qual seria aquela instituição?

b) Ao final da peça de Gil Vicente, com Inês já casada com Pero Márquez, comparece à cena uma personagem decisiva para o desenlace da trama. Quem é essa personagem? Que relação teria ela tido com Inês, anteriormente?

11) (PUC-SP-2006) Ainda sobre a peça **O Velho da Horta**, considerando o texto como um todo, é correto afirmar se que

a) a reza do "Pai Nosso" que inicia a peça, prepara o leitor para o desenvolvimento de um texto fundamentalmente religioso, confirmado, inclusive, pela ladainha proferida pela alcoviteira.

b) o velho relaciona-se, ao longo da peça, com quatro mulheres, das quais uma é a moça por quem se apaixona e com quem, correspondido, acaba se casando.

c) a farsa tem como argumento a paixão de um velho por uma moça de muito bom parecer, por causa dela (e por via de uma alcoviteira) acaba gastando toda a sua fortuna.

d) o texto se organiza a partir de uma estrutura versificatória que revela ritmo poético, marcado por versos livres e por ausência de esquema rímico.

e) o diálogo estabelecido entre o velho e a moça cria condições para o arrebatamento amoroso de ambos e revela ausência de ironia e de menosprezo de qualquer natureza.

12) (UNIFESP-2004) Andar! Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Meu desejo eu retempero:
asno que me leve quero,
não cavalo valentão:
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.
Sobre a Farsa de Inês Pereira, é correto afirmar que é um texto de natureza

a) satírica, pertencente ao Humanismo português, em que se ridiculariza a ascensão social de Inês Pereira por meio de um casamento de conveniências.

- b) didático-moralizante, do Barroco português, no qual as contradições humanas entre a vida terrena e a espiritual são apresentadas a partir dos casamentos complicados de Inês Pereira.
- c) religiosa, pertencente ao Renascimento português, no qual se delinea o papel moralizante, com vistas à transformação do homem, a partir das situações embaraçosas vividas por Inês Pereira.
- d) reformadora, do Renascimento português, com forte apelo religioso, pois se apresenta a religião como forma de orientar e salvar as pessoas pecadoras.
- e) cômica, pertencente ao Humanismo português, no qual Gil Vicente, de forma sutil e irônica, critica a sociedade mercantil emergente, que prioriza os valores essencialmente materialistas.

13) (PUC - SP-2007) Considerando a peça *Auto da Barca do Inferno* como um todo, indique a alternativa que melhor se adapta à proposta do teatro vicentino.

a) Preso aos valores cristãos, Gil Vicente tem como objetivo alcançar a consciência do homem, lembrando-lhe que tem uma alma para salvar.

b) As figuras do Anjo e do Diabo, apesar de alegóricas, não estabelecem a divisão maniqueísta do mundo entre o Bem e o Mal.

c) As personagens comparecem nesta peça de Gil Vicente com o perfil que apresentavam na terra, porém apenas o Onzeneiro e o Parvo portam os instrumentos de sua culpa.

d) Gil Vicente traça um quadro crítico da sociedade portuguesa da época, porém poupa, por questões ideológicas e políticas, a Igreja e a Nobreza.

e) Entre as características próprias da dramaturgia de Gil Vicente, destaca-se o fato de ele seguir rigorosamente as normas do teatro clássico.

14) (FUVEST-2007) E chegando à barca da glória, diz ao Anjo:

Brísida. Barqueiro, mano, meus olhos,
prancha a Brísida Vaz!

Anjo. Eu não sei quem te cá traz...

Brísida. Peço-vo-lo de gíolhos!
Cuidais que trago piolhos,
anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou Brísida, a preciosa,
que dava as môças aos molhos.

A que criava as meninas
para os cônegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
meu amor, minhas boninas,
olhos de perlinhas finas!

(...)

*Gil Vicente, **Auto da barca do inferno.***

(Texto fixado por S. Spina)

a) No excerto, a maneira de tratar o Anjo, empregada por Brísida Vaz, relaciona-se à atividade que ela exercera em vida? Explique resumidamente.

b) No excerto, o tratamento que Brísida Vaz dispensa ao Anjo é adequado à obtenção do que ela deseja — isto é, levar o Anjo a permitir que ela embarque? Por quê?

15) (Unicamp-2001) Leia agora as seguintes estrofes, que se encontram em passagens diversas de A farsa de Inês Pereira de Gil Vicente:

Inês:

Andar! Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Por usar de siso mero,
asno que leve quero,
e não cavalo folão;
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.

Pero:

I onde quiserdes ir
vinde quando quiserdes vir,
estai quando quiserdes estar.
Com que podeis vós folgar
que eu não deva consentir?
(nota: folão, no caso, significa “bravo”, “fogososo”)

a) A fala de Inês ocorre no momento em que aceita casar-se com Pero Marques, após o malogrado matrimônio com o escudeiro. Há um trecho nessa fala que se relaciona literalmente com o final da peça. Que trecho é esse? Qual é o pormenor da cena final da peça que ele está antecipando?

b) A fala de Pero, dirigida a Inês, revela uma atitude contrária a uma característica atribuída ao seu primeiro marido. Qual é essa característica?

c) Considerando o desfecho dos dois casamentos de Inês, explique por que essa peça de Gil Vicente pode ser considerada uma sátira moral.

16) (UNICAMP-2007) Leia o diálogo abaixo, de Auto da Barca do Inferno:

DIABO

Cavaleiros, vós passais
e não perguntais onde is?

CAVALEIRO

Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais!

OUTRO CAVALEIRO

Vós que nos demandais?

Siquier conhecê-nos bem.

Morremos nas partes d’além,
e não queirais saber mais.

(Gil Vicente, Auto da Barca do Inferno, em Antologia do Teatro de Gil Vicente. Org. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília: INL, 1984, p. 89.)

a) Por que o cavaleiro chama a atenção do Diabo?

b) Onde e como morreram os dois Cavaleiros?

c) Por que os dois passam pelo Diabo sem se dirigir a ele?

17) (Unicamp-2005) Leia os diálogos abaixo da peça “O Velho da Horta” de Gil Vicente:

(Mocinha) - *Estás doente, ou que haveis?*

(Velho) - *Ai! não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado.*

(Mocinha) - *Não choreis;
mais mal fadada vai aquela.*

(Velho) - *Quem?*

(Mocinha) - *Branca Gil.*

(Velho) - *Como?*

(Mocinha) - *Com cent’ açoutes no lombo,
e uma corocha por capela*.*

E ter mão;

*leva tão bom coração,***

como se fosse em folia.

*Ó que grandes que lhos dão!****

* (corocha) cobertura para a cabeça própria das alcoviteiras; (por capela) por grinalda.

** caminha tão corajosa

*** Ó que grandes açoites que lhe dão!

(Gil Vicente, *O Velho da Horta*, em Cleonice Berardinelli (org.), *Antologia do Teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília, INL, 1984, p. 274) .

a) A qual desventura refere-se o Velho neste diálogo com a Mocinha?

b) A que se deve o castigo imposto a Branca Gil?

c) Diante do castigo, Branca Gil adota uma atitude paradoxal. Por quê?

18) (PUC-SP-2001) O argumento da peça A Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente, consiste na demonstração do refrão popular “Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube”. Identifique a alternativa que não corresponde ao provérbio, na construção da farsa.

a) A segunda parte do provérbio ilustra a experiência desastrosa do primeiro casamento.

b) O escudeiro Brás da Mata corresponde ao cavalo, animal nobre, que a derruba.

c) O segundo casamento exemplifica o primeiro termo, asno que a carrega.

- d) O asno corresponde a Pero Marques, primeiro pretendente e segundo marido de Inês.
 e) Cavalo e asno identificam a mesma personagem em diferentes momentos de sua vida conjugal.

19) (UNIFESP-2004) Leia a cantiga seguinte, de Joan Garcia de Guilhade.

Un cavalo non comeu
 á seis meses nen s'ergueu
 mais prougu'a Deus que choveu,
 creceu a erva,
 e per cabo si paceu,
 e já se leva!
 Seu dono non lhi buscou
 cevada neno ferrou:
 mai-lo bon tempo tornou,
 creceu a erva,
 e paceu, e arriçou,
 e já se leva!
 Seu dono non lhi quis dar
 cevada, neno ferrar;
 mais, cabo dum lamaçal
 creceu a erva,
 e paceu, e arriç'ar,
 e já se leva!
 (CD Cantigas from the Court of Dom Dinis. harmonia mundi usa, 1995.)

- A leitura permite afirmar que se trata de uma cantiga de
 a) escárnio, em que se critica a atitude do dono do cavalo, que dele não cuidara, mas graças ao bom tempo e à chuva, o mato cresceu e o animal pôde recuperar-se sozinho.
 b) amor, em que se mostra o amor de Deus com o cavalo que, abandonado pelo dono, comeu a erva que cresceu graças à chuva e ao bom tempo.
 c) escárnio, na qual se conta a divertida história do cavalo que, graças ao bom tempo e à chuva, alimentou-se, recuperou-se e pôde, então, fugir do dono que o maltratava.
 d) amigo, em que se mostra que o dono do cavalo não lhe buscou cevada nem o ferrou por causa do mau tempo e da chuva que Deus mandou, mas mesmo assim o cavalo pôde recuperar-se.
 e) mal-dizer, satirizando a atitude do dono que ferrou o cavalo, mas esqueceu-se de alimentá-lo, deixando-o entregue à própria sorte para obter alimento.

20) (Vunesp-1995) SEDIA LA FREMOSA SEU SIRGO TORCENDO

Estêvão

Coelho

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,
 Sa voz manselinha fremoso dizendo
 Cantigas d'amigo.

Sedia la fremosa seu sirgo lourando,
 Sa voz manselinha fremoso cantando
 Cantigas d'amigo.

- Por Deus de Cruz, dona, sey que avedes
 Amor my coyado que tan ben dizedes
 Cantingas d'amigo.

Por Deus de Cruz, dona, sey que avedes
 D'amor my coyada que tan ben cantastes
 Cantingas d'amigo.

- Avuytor comestes, que adevinhades,
 (Cantiga nº321 - CANC. DA VATICANA)

ESTAVA A FORMOSA SEU FIO TORCENDO
 (paráfrase de Cleonice Berardinelli)

Estava a formosa seu fio torcendo,
 Sua voz harmoniosa, suave dizendo
 Cantigas de amigo.

Estava a formosa sentada, bordando,
 Sua voz harmoniosa, suave cantando
 Cantigas de amigo.

- Por Jesus, senhora, vejo que sofreis
 De amor infeliz, pois tão bem dizeis
 Cantigas de amigo.

Por Jesus, senhora, eu vejo que andais
 Com penas de amor, pois tão bem cantais
 Cantigas de amigo.

- Abutre comeste, pois que adiviniais.

(in BERARDINELLI, Cleonice. CANTIGAS DE TROVADORES MEDIEVAIS EM POTUGUÊS MODERNO. Rio de Janeiro: Organ, Simões, 1953, pp. 58-59.)

Considerando-se que o último verso da cantiga caracteriza um diálogo entre personagens; considere a palavra abutre grava-se avuytor, em português arcaico; e considerando-se que, de acordo com a tradição popular da época, era possível fazer previsões e descobrir o que está oculto, comendo carne de abutre, mediante estas três considerações: (ver texto)

- a) Identifique o personagem que se expressa em discurso direto, no último verso do poema;
 b) Interprete o significado do último verso, no contexto do poema.

21) (FMTM-2003) Senhora, partem tão tristes

meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora d'esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Sobre esse texto de João Roiz de Castelo Branco,
representante do Humanismo português, é correto afirmar
que é exemplo da poesia

- a) épica, tendo por tema a valorização dos sentimentos de saudade e melancolia experimentados pelo trovador.
- b) lírica, tendo por tema o amor cortês e apresentando uma visão idealizada da mulher.
- c) lírica, tendo por tema a preocupação com os compromissos sociais assumidos pela ética humanista.
- d) satírica, tendo por tema o sentimento de negação da vida prática, para assumir compromisso com os interesses mais íntimos.
- e) satírica, tendo por tema a combinação de amor palaciano servil e heroísmo tardio.

GABARITO

1) a) Cantiga de amigo, pois há a presença do eu lírico feminino e os interlocutores são amigas desse interlocutor.
b) O eu-poemático, como o título diz (Confessor Medieval), trata-se da figura de um religioso ou confidente que aconselha a moça.

2) Alternativa: D

3) Alternativa: E

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: B

7)

8) Alternativa: B

9) Alternativa: A

10) a) Lianor fora atacada por um padre. A crítica se dirige a uma parte do clero que não segue os preceitos pregados pela Igreja Católica.

b) Um Ermitão, que se percebe ser um antigo pretendente de Inês.

11) Alternativa: C

12) Alternativa: E

13) Alternativa: A

14) a) Em *O Auto da Barca do Inferno*, a expressão verbal das personagens sempre indicia o lugar social dos falantes. No excerto ocorre, em particular, uma paródia da linguagem da sedução, pois Brísida adota com o Anjo o estilo afetado que empregava no processo de desencaminhamento de “meninas”.

b) O tratamento que Brísida dispensa ao Anjo é inadequado para a obtenção do céu, porque, em vez de ocultar a essência de sua profissão para merecê-lo, ela evidencia os mecanismos retóricos por meio dos quais mediava encontros entre padres lascivos e moças ingênuas. Ao enfatizar sua relação com o clero, Brísida supõe que o Anjo também seja adepto da luxúria. Como ele representa a moralidade proposta pela peça, não lhe dará lugar em sua barca.

15) a) O trecho é: “asno que me leve quero”. O verso está antecipando a cena final em que Pero Marques carrega

Inês em seus ombros durante a travessia de um rio. Na verdade, o marido está levando a esposa a um encontro adúltero. Assim, Pero é duplamente “asno”: por levar Inês em suas costas e por ser por ela enganado.

b) O primeiro marido de Inês a proíbe de sair de casa, até mesmo para ir à igreja. Já Pero Marques, em sua fala, revela a liberdade que dará à sua esposa.

c) Pois critica um aspecto do comportamento da sociedade portuguesa, mais particularmente o fato de se abandonar ‘princípios’ em nome de uma “vida folgada”.

16) a) O cavaleiro repreende o Diabo porque este ousou dirigir-lhe a palavra. Pela lógica da peça, os cavaleiros, pertencendo à categoria do Bem, não poderiam ser interpelados pelo símbolo do Mal. O estranhamento do Diabo diante dos cavaleiros contrasta com a familiaridade com que ele recebia as almas pecadoras que entraram na Barca do Inferno.

b) Os Cavaleiros morreram em batalha de Guerra Santa, defendendo a palavra de Cristo em região dominada pelos árabes.

c) A atitude dos Cavaleiros explica-se pela certeza de sua própria salvação, já que morreram defendendo a palavra de Cristo.

17) a) O desconsolo do Velho deve -se à paixão não correspondida por uma jovem moça, por quem acaba perdendo a cabeça e os bens, ludibriado por uma alcoviteira que prometeu interceder a seu favor junto à moça. Essa paixão é o objeto da sátira e da crítica moralizante do auto.

b) Os açoites recebidos por Branca Gil são o castigo pelo crime de lenocínio, alcoviteira e ludibrio. A personagem em questão é a alcoviteira que promete interceder a favor do Velho na conquista da moça por quem ele se mostra apaixonado. Na verdade, sua intenção é apenas a de ludibriar o Velho, extorquindo-lhe dinheiro e bens com a promessa de que conseguirá fazer com que a moça se apaixone por ele.

c) A contradição diz respeito ao fato de que, embora aprisionada e castigada em público, Branca Gil “leva tão bom coração” (isto é, “caminha tão corajosa”), “como se fosse em folia”. Essa atitude se justifica, em parte, pelo fato de não ser a primeira vez que a prisão e o castigo ocorrem. A personagem já se ‘habitua’ a isso. O castigo já se tornou rotina da personagem, que há muito vive na contravenção. Como ela mesma diz ao Alcaide que a prende, na cena anterior à do excerto acima: “Nunca havedes de acabar / de me prender e soltar? Não há poder ... [...] Está já a corocha aviada. /Três vezes fui já açoutada, / e enfim hei de viver”.

A atitude de Branca Gil está indicada também no tipo de capuz que lhe colocam no momento em que é presa. Gil Vicente utiliza um termo ambíguo que nos permite ver, de

um lado, a identificação que era imposta às alcoviteiras e, de outro lado, o seu uso como uma espécie de adorno festivo, próprio das noivas.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

18) Alternativa: A

19) Alternativa: A

20) a moça responde a quem lhe fala
ela realmente está sofrendo por amor

21) Alternativa: B